ensaios



a temporalidade do sujeito

Dominique Fingermann

o sujeito, questão de tempo?

O título deste trabalho deixa uma dúvida e, dessa forma equívoca, formula precisamente a questão: há uma temporalidade do sujeito, decorrente de sua relação com o significante, ou antes ele se distingue por sua a-temporalidade?

A questão repercute de diversas formas. O sujeito deriva, passa, erra, do passado ao futuro? Ou passa seu tempo presente antecipando um futuro com referência a um passado que almeja rechaçar ou reencontrar? Ou, ainda, o sujeito perdura a-temporal, ancorado pelo objeto *a*, segredo de sua permanência, mote de sua mesmice, trunfo de seu estilo? Há desenvolvimento do sujeito ou sua estrutura o mantém infantil e imperturbável diante das circunstâncias?

A questão é clínica, isto é, a clínica da psicanálise se funda nesse problema e em seu aparente paradoxo: qual é a possibilidade de transformação de um sujeito se a sua ficção o fixa numa posição instituída? Se, como sabemos desde as primeiras observações e deduções freudianas, o desejo é indestrutível e o inconsciente *Zeitlos*, a-temporal, como então "as formações do inconsciente" aparecem, sensíveis ao tempo, "aos restos diurnos" e sob formas tão contemporâneas? Como, então, a transferência, "relação essencialmente ligada ao tempo e ao seu manejo"[1], opera e incide na estrutura? Sabemos o quanto Lacan se ocupou da questão do *tempo do sujeito* e de suas conseqüências nos tempos da cura analítica; basta lembrarmos, evidentemente, do texto sobre o tempo lógico e suas múltiplas retomadas no ensino de Lacan, ou mesmo de "As ressonâncias da interpretação e o *tempo do sujeito* na teoria psicanalítica", terceiro capítulo de "Função e campo da palavra e da linguagem", introduzido pela seguinte convocação:

> A psicanálise só dará fundamentos científicos à sua teoria e à sua técnica se formalizar, de maneira adequada, as dimensões essenciais de sua experiência que são, juntamente com a teoria histórica do símbolo, a lógica intersubjetiva e a *temporalidade do sujeito*[2].

[1] Lacan. Position de l'inconscient (1960 / 1966, p. 844)

[2] Lacan. Fonction et champ de la parole et du langage (1953 / 1966, p. 288)

Sabemos o quanto ele mesmo respondeu a essa convocação até seus últimos seminários, nos quais prossegue demonstrando o tempo e a topologia do sujeito sobre os quais a psicanálise opera. Sabemos ainda que a experiência da psicanálise responde à questão do tempo do sujeito operando um corte – manejo da transferência, manejo do tempo, lógico. Corte a partir do qual se organizam as superfícies, suas formas e deformações, em que podem "se ordenar os tempos de nossa experiência de desejo"[3]; corte que separa o dito do dizer e produz uma pirueta, um giro, que permite, no fim, uma mudança de posição na estrutura, até virar o sujeito 'pelo avesso': ($ ◊ a) à (a ◊ $). Incisão que produz uma decisão mas, como diz Lacan, "Il faut le temps"[4], há um tempo necessário: tempo de chegar à conclusão de que a falta é causa. *Wo Es war, soll Ich werden.*

[3] Lacan. *Le séminaire - livre 9: L'identification* (1961-1962), (1997, p. 319). Inédito.

[4] Lacan. Radiophonie (1970/2001, p. 426)

um sujeito em dois movimentos

O movimento é uma mudança de posição que implica o tempo. A possibilidade de mudar de posição sem sair da estrutura, sem derrogar o discurso, confere ao sujeito propriedades topológicas específicas. A articulação do tempo do sujeito do significante com sua topologia se encontra explicitada por Lacan em *O seminário - livro 9: A identificação*. As duas partes desse seminário descrevem, sucessivamente, os "dois movimentos" necessários ao sujeito para sua causação, para dar conta de sua constituição, para efetivar sua identificação. Em "Posição do inconsciente", encontramos quase um resumo dos dois movimentos do sujeito que *O seminário 9* desenvolve com todas suas conseqüências lógicas, temporais e topológicas. Vale a pena lembrar:

> Efeito de linguagem, por nascer dessa fenda original, o sujeito traduz uma sincronia significante *nessa pulsação temporal primordial* que é o *fading* constitutivo de sua identificação. Esse é o *primeiro movimento.*
> Mas no segundo, havendo o sujeito feito seu leito no corte significante em que se efetua a metonímia, a diacronia (chamada "história"), que se inscreveu no *fading*, *retorna à espécie de fixidez* que Freud atribui ao voto inconsciente.
> Esse suborno secundário não apenas *conclui* o efeito do primeiro, *projetando a topologia do sujeito no instante do fantasma,* mas o sela, recusando ao sujeito do desejo que ele se saiba efeito de fala, ou seja, que saiba o que é por não ser outra coisa senão o desejo do Outro[5].

[5] Lacan. Position de l'inconscient (1960/1966, p. 835)

Desde *O seminário*
questão na psicanálise é efeito do corte significante, *hypokeimenon*, sujeito suposto à articulação dos significantes que o determinam infinitamente: "O significante [...] é o que representa precisamente o sujeito para outro significante"[6].

[6] Lacan. *Le séminaire - livre 9. L'identification* (1961-1962), (1997, p. 60). Inédito

A entrada em análise, que Lacan qualificou de "retificação subjetiva", evidencia para o sujeito o primeiro movimento de sua causação. Depois disso, "*il faut le temps*", é necessário o tempo das múltiplas voltas nos ditos que, embora deixem o sujeito aturdido ("*les tours dits*"[7]), evidenciam como ele tem "projetado a sua topologia no instante do fantasma" para concluir a sua causação, a sua identificação, retornando "à espécie de fixidez que Freud atribuiu ao voto inconsciente." Na psicanálise, "nossa experiência de desejo", o sujeito se procura numa suposição e não se encontra, todavia se acha num cálculo que o desejo de analista lhe proporciona. Para concluir uma análise, é necessário um tempo que demonstre que a temporalidade do sujeito não é infinita, mas pode ser medida e calculada, fundando-se na própria a-temporalidade: *Wo Es war, soll Ich werden.*

[7] Lacan. L'étourdit (1973 / 2001, p. 449)

um sujeito em três tempos, dois movimentos

Os dois movimentos de causação do sujeito estão balizados pelas três escansões de um tempo lógico: instante de ver, tempo para compreender, momento de concluir. Entre o instante de ver e o tempo para compreender, primeiro movimento; entre tempo para compreender e momento de concluir, segundo movimento. Três tempos, dois movimentos, um sujeito: "forma lógica essencial de um Eu psicológico"[8], explicita a metapsicologia lacaniana desde 1946.

[8] Lacan. Le Temps logique et l'assertion de certitude anticipée (1945 / 1966, p. 197)

Além disso, Lacan, desde *O seminário 9*, associa esses dois movimentos às três modalidades de identificação descritas por Freud em "Psicologia das Massas": identificação com o pai, identificação com o traço e identificação com a histérica.

A identificação do sujeito é um momento inaugural, "passagem ao ato" do sujeito, momento de concluir a sua "insondável decisão do ser": decisão/conclusão/separação/identificação.

A "decisão do ser insondável" podemos, no entanto, sondá-la como acontecimento singular do sujeito, a partir das três modalidades de identificação que Freud descreve, e que remetemos aos três tempos lógicos que produzem o sujeito até seu momento de concluir inaugural.

Essas três escansões do tempo lógico que produzem o sujeito a partir de um corte, de uma ruptura de sua superfície, implicam uma topologia peculiar. Três tempos, dois movimen-

tos, uma topologia. "La topologie du sujet est tout autant temps qu'espace". Essa estrutura topológica conclui, posiciona, localiza o sujeito em torno da sua "extimidade", ou seja, da articulação topológica de seu furo "interno", íntimo, com o furo do Outro: banda de Moebius, garrafa de Klein, *cross-cap*, plano projetivo, diversos nomes para uma mesma demonstração da estrutura do sujeito em questão pelo significante.

tempo para compreender: assumir *1*

A primeira parte de *O seminário 9* desenvolve o primeiro movimento da constituição do sujeito: o sujeito do significante, fadado ao "*fading* constitutivo de sua identificação". Lacan explicita esse nascimento do sujeito a partir do "segundo tipo de identificação", a identificação pelo traço unário: o sujeito acontece quando assume um traço como aquilo que o representa. A identificação é a transformação que opera num sujeito quando este assume um traço como o que o re-presenta para outro significante. Assumir um traço é apagar o rastro de gozo que marcou especificamente o corpo, elevando-o à dignidade de traço, de *Vorstellungrepresantanz*, de significante que representa o sujeito para outro, sempre outro. O rastro se torna traço; o "Isso!" se torna "eu era Isso!?"; uma inscrição permite uma leitura: *Wo Es war, soll Ich werden.*

Um sulco, uma incisão, torna-se decisão. Onde era (Wo es war) o rastro, a marca, advém o traço, marco Um, que engata o acontecimento do sujeito ao seu desaparecimento sob o traço – *subjectum*. A identificação é um tempo para compreender que a marca do sujeito é marco da sua decisão. É um tempo para compreender que o sujeito é suposto a um traço qualquer, que não quer dizer nada, que não significa nada. Nesse tempo, compreende-se e assume-se a "heteridade"[9], a alteridade radical do traço unário, ou seja, do tempo em que o rastro de gozo, da experiência primeira de satisfação, torna-se traço: *pas possible* (impossibilidade) da identidade de percepção, *pas possible* (passo possível) da identificação. Nesse tempo, compreende-se e assume-se a alteridade radical do traço unário que marca a intervenção sempre intrusiva do Outro no corpo vivo e se repete, irremediável, em qualquer tentativa do sujeito para se significar: *1 1 1 1*... "Tudo se funda no Um, no Um enquanto furo que comunica a sua consistência a todos os outros"[10]. Nesse tempo, é necessário que o sujeito compreenda – em tempo – que tudo começa com *Um*, Um significante qualquer que não significa nada, mas ao qual se atribui, supõe-se um sujeito numa dupla pulsação temporal: de substituição-retroação sobre

[9] Lacan. 15/01/80 Dissolution "*C'est l'illustration de mon échec de m'identifier à cette hétérité...qu'il n'y a pas de rapport sexuel*"

[10] Lacan. *Le séminaire - livre 22. R. S. I.* (1974-1975), (1997). Inédito.

aquilo que poderia ter sido ("Eu era Isso, Isso, já era"), e de antecipação de um possível porvir, de um talvez a um pode ser ("Wo es war... soll Ich werden"); tempo de "asserção subjetiva", de "cristalização de uma hipótese autêntica", é "a certeza antecipada pelo sujeito no tempo para compreender"[11]; tempo da "*Bejahung*", tempo de um consentimento ao Um, que marca e transforma o rastro em traço. Tudo começa com *Um*, Um significante qualquer que não significa nada, mas que não tem outro igual, não tem outro que identifique, não tem outro.

[11] Lacan. Le Temps logique et l'assertion de certitude anticipée (1945 / 1966, p. 205)

instante de ver: constatar *-1*

O tempo para compreender, suposição do sujeito ao significante, sucede logicamente o instante de ver: instante de ver que esse consentimento comporta uma perda: o traço apaga o rastro, há um vazio constitutivo do cerne do sujeito. "A aparição em estado nu do sujeito que não é nada senão isto: nada a não ser a possibilidade de um significante a mais, um a mais graças ao qual *ele mesmo constata* que há um que lhe falta"[12]. O Um inaugural do sujeito infere um tempo primordial desta identificação pelo nome, desde o pai que, nomeando, "faz buraco", um menos um: *-1* – foraclusão primordial da identificação inaugural pelo significante. Não se "compreende" o Um sem incluir o menos Um. "O nascimento do sujeito depende disto: que ele não pode se pensar senão como excluído do significante que o determina"[13]. Lacan se pergunta diversas vezes por que Freud chama essa primeira identificação de identificação por incorporação e de identificação com o pai. Esse tempo primordial consiste na intrusão da alteridade do pai que incorpora: faz o corpo como Um (*Um-corpore*). "Se falamos de incorporação, é porque deve se produzir alguma coisa no nível do corpo... nessa incorporação da primeira identificação"[14]. Apesar e a partir da descontinuidade, da incompletude, do furo, da falha e do hiato que se inauguram ali, a "identificação primordial "com o pai" destaca o ser do gozo da mãe, do capricho da mãe, promove o hiato a partir do qual o corpo se transforma num corpo pulsional, inscreve o furo em torno do qual a pulsão girará. "A primeira modificação do real em sujeito sob o efeito da demanda é a pulsão"[15].

[12] Lacan. *Le séminaire - livre 9. L'identification* (1961-1962), (1997, p. 212)

[13] *Ibid.*, p. 282.

[14] *Ibid.*, p. 222.

[15] *Ibid.*, p. 373.

momento de concluir: calcular *a*

Mas como identificar, pergunta Lacan, "as três identificações: com o pai, com o traço unário, com a histérica"? Qual é sua medida comum?

A segunda parte de *O seminário 9* desenvolve o segundo movimento da dinâmica da constituição do sujeito, que se conclui a partir de uma certa "fixidez" atribuída ao desejo do Outro: *a*. "Esse suborno secundário que conclui o efeito do primeiro, projetando *a topologia do sujeito no instante do fantasma*". A conclusão de uma medida comum, portanto, realiza-se nesse suborno secundário do sujeito ao objeto *a*.

O mecanismo da identificação não se sustenta sem o momento de concluir que, localizando seu gozo e referenciando-o a partir do desejo do Outro, condiciona a criatividade de sua repetição significante. "A terceira identificação é a identificação pela qual o sujeito se constitui como desejo: "é aí onde o sujeito vem se alojar enquanto tal"[16]. A localização de *a* é o ponto necessário para que a cadeia significante não seja apenas uma série de pontos sem nó, como na esquizofrenia. A localização, a conclusão *a* constitui um ponto que enlaça o "nunca mais" do -1 da privação primordial ao 1 para sempre da repetição significante 1 1 1, em que pode ser que se (re) encontre a identidade perdida na forma de um gozo sempre malogrado, um Um para sempre sozinho, "tão-só", sem outro para fazer identidade: "*Y a d'l'Un*".

[16] *Ibid.*, p. 388.

Desde *O seminário 9*, Lacan denota a Identificação em termos de nó: "A identificação, ou seja, este nó que já articulei com meu grafo"[17]. Em *O seminário 24*, "A identificação é o que se cristaliza numa identidade"[18]. A cristalização é um processo que junta elementos dispersos num todo coerente; é tornar fixo e estável o que era fluido. O que era, *wo es war... soll Ich werden*". A identificação junta as partes, faz sintoma: dá uma consistência (I) à ex-sistência (R) a partir de um furo (S). Riobaldo dizia "Criatura gente é não e questão. Corda de três tentos, três tranços"[19].

[17] *Ibid.*, p

[18] Lacan. *Le séminaire - livre 24. L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre* (1976-1977), (1997, p. 10).

[19] Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas* (1986, p. 29).

É nesse ponto *a*, nesse momento de concluir, que se detém o sujeito à deriva, em *fading* nas leis de combinação do significante, é dessa referência ao ponto *a* que provém a permanência do sujeito, sua a-temporalidade.

a-temporalidade

A identificação de *a* detém o sujeito numa a-temporalidade, cristalização "em uma hipótese autêntica" que enlaça, faz nó, a partir da antecipação de um porvir que se molda num poderia ter sido, já era: *Wo Es war, soll Ich werden.*

> Eu me identifico na linguagem, mas somente ao me perder nisso como objeto. O que se realiza em minha história não é o passado definido

> daquilo que não é mais, nem tampouco o perfeito composto do que tem sido naquilo que sou, mas o futuro anterior do que teria sido para aquilo que estou me tornando no porvir[20].

Wo es war soll Ich werden, "essa modulação do tempo introduz a forma que no segundo momento se cristaliza em hipótese autêntica, pois ela vai visar a real incógnita do problema, isto é, o atributo ignorado do próprio sujeito"[21].

Essa lógica da identificação explicitada em três tempos – constatar *-1*, assumir *1*, calcular *a* – confirma a que ponto "o tempo lógico é o tempo necessário para produzir uma conclusão a partir daquilo que não é sabido"[22], como precisa Colette Soler.

il faut le temps

Há um tempo necessário em razão de uma falha no tempo que constitui o sujeito. Há um tempo necessário pois "é somente depois de um longo desvio que pode advir para o sujeito esse saber de sua rejeição original"[23].

"*Il faut le temps de se faire à être*"[24]. Há um tempo necessário para se fazer ser, fazer-se ao ser, acostumar-se à insustentável leveza.

Há um tempo necessário para produzir a conclusão de que há algo de a-temporal que falha o tempo. Há um tempo necessário para produzir uma conclusão a partir desse algo que não está sabido, incógnita, "cálculo sobre o objeto *a*", momento de concluir, cálculo de gozo. "[A estrutura] faz o rastro da falha de um cálculo por vir"[25].

"*Il faut le temps pour faire trace de ce qui a défailli à s'avérer d' abord*"[26], falta o tempo para fazer rastro do que falhou ao se verificar no início. "*Se faire à l'être*", acostumar-se, suportar o ser, "virar-se" com "o saber de sua rejeição original". "*Se faire à l'être*" consiste em produzir "a sorte de mais de gozar que faz dizer: isso é alguém!"[27]. *Wo Es war, soll Ich werden.*

[20] Lacan. Fonction et champ de la parole et du langage (1953 / 1966, p. 299)

[21] Lacan. Le Temps logique et l'assertion de certitude anticipée (1945 / 1966, p. 205)

[22] Soler. Le temps qu'il faut (1994, p. 23).

[23] Lacan. Ce n'est qu'après un long détour que peut advenir pour le sujet le savoir de son rejet originel. (1961-1962), (1997, p. 181.); (Edição não comercializável do CEF, p. 194)

[24] Lacan. Radiophonie (1970/ 2001, p. 426)

[25] *Ibid.*, p. 408.

[26] *Ibid.*, p. 428.

[27] *Ibid.*, p. 415.

referências bibliográficas

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LACAN, Jacques. Position de l'inconscient (1960). In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. Fonction et champ de la parole et du langage (1953). In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Le séminaire - livre 9: L'identification* (1961-1962). Paris: Association Freudienne Internationale, 1997 (Publication hors commerce).

LACAN, Jacques. Radiophonie (1970). In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. L'étourdit (1973). In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. Le Temps logique et l'assertion de certitude anticipée (1945). In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. 15/01/80 Dissolution "*C'est l'illustration de mon échec de m'identifier à cette hétérité... qu'il n'y a pas de rapport sexuel*"

LACAN, Jacques. *Le séminaire - livre 22: R.S.I.* (1974-1975). Paris: Association Freudienne Internationale, 1997 (Publication hors commerce).

LACAN, Jacques. *Le séminaire - livre 24: L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*. (1976-1977). Paris: Association Freudienne Internationale, 1997 (Publication hors commerce).

SOLER, Colette. Le temps qu'il faut. *La cause freudienne*. Paris, n. 26, p. 23, 1994.

resumo

Este trabalho trata da questão da temporalidade lógica do sujeito, decorrente de sua relação com o significante que inclui uma a-temporalidade.
Os dois movimentos de causação do sujeito estão balizados pelas três escansões de um tempo lógico: instante de ver, tempo para compreender, momento de concluir. Três tempos, dois movimentos, um sujeito: "forma lógica essencial de um Eu psicológico" Essa lógica da identificação explicitada em três tempos – constatar -*1*, assumir *1*, calcular *a;* demonstra o tempo lógico como o tempo necessário para produzir uma conclusão a partir daquilo que não é sabido.

palavras-chaves

Identificação, tempo lógico, constituição do sujeito, instante de ver, tempo para compreender, momento de concluir

abstract

This work develops the question of the logical temporality of the subject which depends on his relationship with the significant and therefore includes an a-temporality. The two movements of the subject's causation are bounded for the three scansions of the logical times: seeing instant-time for understanding and conclusion moment. Three times, two movements, one subject: essential logical form of a psychological self. This logics of the identification develops itself within three time: to distinguish-1; to assume 1; to calculate "a", and demonstrate how the logical time is the necessary time to produce a conclusion since what is unknown.

key words

Identification, subject's constitution, logical time, seeing instant, understanding time, conclusion moment